







Lia de Itamaracá

LATINA
90FM
ANTONIO

ARION

La nouvelle star de la musique afro-brésilienne
Pour la première fois en France

EN CONCERT

A LA MAROQUINERIE
le 13 juillet à 20H30
23, rue boyer Paris 20^e
90 F et 70 F (location FNAC, Virgin)
Renseignements : 01 43 38 70 76

LIA DE ITAMARACA est depuis vingt ans la reine de la ciranda :
«Esta ciranda quem me deu foi Lia que mora na ilha de Itamaracá»

Deputada Ceça Ribeiro indica Lia de Itamaracá para Patrimônio Vivo do Estado de Pernambuco



ESTRELA DE LIA

MADRUGADA

BRASIL - BRASIL

Linha de Lã

UNICOM



CADÉRNIO

JORNAL DO COMMERCCIO

Abril Pro Rock 98 amanhece a segunda-feira

MARCELO PEREIRA

O pernambucano mesmo um herói da resistência. E tem uma paciência de Jó, conforme foi comprovado mais uma vez no encerramento da sexta edição do Abril Pro Rock, que começou com quase três horas de atraso e se prolongou até às sete horas da manhã de ontem. Cerca de quatro mil pessoas — um quarto do público do domingo — resistiu até às 4h47, hora em que a esperadíssima Fernanda Abreu subiu ao palco principal do pavilhão do Centro de Convenções para fechar o festival.

A garota sangue-sangue bom repassou, em pouco mais de 10 minutos, os seus maiores hits incluídos no mais recente trabalho — *Rato X* — e ainda prestou uma homenagem a Chico Science — batucando num tambor de maracatu e fazendo um dueto com o mungueboy, aprovei-

tando o sampler da voz da última gravação que ele fez, para a música *Rio 40 Graus*. Muita gente ficou arrepiada.

Foi um desentendimento entre a produção da própria Fernanda Abreu e de O Rappa, que pertencem ao mesmo escritório, o principal responsável pelo tremendo atraso. Cada um queria o melhor local no palco e equipamento. Terminou sobrando para o DJ Soul Singer — que teve sua discotecagem cancelada — e para as bandas que foram obrigadas a reduzir o tempo da apresentação. Isto sem falar no desrespeito ao público, o grande prejudicado, por mais que os produtores do festival tentassem contornar.

Uma crítica, inclusive, que deve ser feita aos produtores é ao excesso de bandas e ao critério de seleção ("crime" reincidente). Não havia razão, por exemplo, para escalar Capitão Severe no meio de tantas feras no domingo. A maratona de mais de dez shows por noite acaba prejudicando os próprios grupos — como Serpente Negra e Tiroteio — que não ganham a devida atenção do público, já pra lá can-

sado. Isto quando não resolvem ir embora mais cedo e frustrados.

Aos persistentes só restou procurar um lugar para se encostar e esticar as pernas pelo pavilhão à espera das atrações do seu gosto. Deas saídas: ou o festival diminui o número de bandas, ou aumenta a sua duração (o que seria uma overdose). E mais: voltar às origens do Abril Pro Rock, que é de revelar novas bandas, ficando os grandes nomes como âncora, para garantir público e patrocinadores. Deve-se reconhecer, contudo, o profissionalismo da equipe, apesar do excesso de centralização das decisões.

Para os roqueiros instigados e insaciáveis, o Abril Pro Rock, na verdade, ainda não terminou. Na Soparia de Roger vai ter uma grande festa hoje, com uma jam session entre a Mãe Companhia (atração tradicional da casa), a paulista Tiroteio e a capixaba Londão Pra Leão. A tertúlia roqueira só deve terminar na quinta-feira com o show da Júpiter Maçã. Impagável.

● Leia mais nas páginas 2 e 6



REENCONTRO A grande de Lia de Itamaracá volta a seduzir o público da classe média dentro do ecletismo que marca o Abril Pro Rock

ABRIL PRO ROCK

Qualidade Superior

CAMISAS PROMOCIONAIS

CAMISAS POLO PLUNIFORMES

Estampada Bordada Transfer

462.3062/7518

PAPA METRALHA

455.3900

Construiu ou reformou? Pode ligar, que a metralha nós vamos fiar. Um serviço rápido e garantido... E você paga pouquinho. Nós respeitamos e preservamos nossa cidade.

FEMININO

Lia de Itamaracá:



"Aqui na Ilha eu sou a rainha!"

Na década de 60, no Teatro Popular do Nordeste, na avenida Conde da Boa Vista, existia não apenas o Teatro de Bolso, mas um bar e uma galeria. E no Bar se revejavam as duas divas da música popular da época, Lisete Margarida e Teca Calazans. E foi Teca quem lançou um disco de cirandas e no refrão dizia: "esta ciranda quem me deu foi Lia, que mora na Ilha de Itamaracá".

Foi através desse refrão que Lia ficou conhecida e muita gente queria saber de "Lia de Itamaracá" como passou a ser conhecida. E, passado o tempo ainda hoje os que aparecem na paradisíaca ilha procuram saber da cirandeira mais conhecida em todo o Brasil. E ela continua lá, na antiga rua do Campo, cozinheira de primeira, às vezes preparando pratos deliciosos no Bar Sargaço de Creusa, no Jaguaribe.

Aos sábados a roda de ciranda de Lia é disputada por nativos e veranistas. Ela é uma das maiores responsáveis pela divulgação da mais democrática das danças, onde todos se dão as mãos, sem importar sexo, idade ou condição social.

Lia de Itamaracá é tão paparicada e tão pura que certa vez disse a uma jornalista com muita seriedade e convicção: "Sou a rainha da Ilha de Itamaracá". Na verdade a curio-

sidade dos turistas é tanta que Lia na sua simplicidade já se considera uma rainha e ninguém lhe tira isso da cabeça. Apesar de se sentir rainha continua uma pessoa simples. Como todo artista popular é muito pobre. Recebe, da Prefeitura de Itamaracá onde trabalha como merendeira, seu parco salário que, segundo diz, dá para "quebrar o galho" e vez por outra é contratada para fazer uma roda de ciranda em outro município.

Na vida de Lia muita coisa interessante já aconteceu. Apenas conta, mas não quer que se fale na entrevista e a colonista respeita sua simplicidade de expor os fatos e pedir reservas. Mas conta que, certa vez, o prefeito João de Dico, de Água Preta, mandou buscá-la para fazer uma ciranda na sua cidade. Ela fez uma imensa roda na praça da feira e ainda hoje, lembra sorrindo, tem notícias de que o pessoal de Água Preta se orgulha de "ter dançado com Lia de Itamaracá".

No ano passado Itamaracá sediou uma das eliminatórias do Prêmio Pernambuco Música Hoje e Lia enfatiza, com alegria, que foi uma das classificadas com a apresentação de uma bela ciranda de sua composição. Na hora da apresentação na Praça do Pilar, o povo começou a pedir outras cirandas e Lia, com seu ar de rainha, resolveu não mais

concorrer e sim cantar com o povo tradicionais cirandas já consagradas. E na sua rústica mas sábia filosofia de vida diz simplesmente: "é o destino do artista popular: fazer o que o povo quer".

Ela faz questão de lembrar que conhece o Rio de Janeiro. Foi enviada pela Fundação (na gestão do professor Roberto Pereira) ao Rio e lá exibiu-se na Sala Funarte, dentro da programação do Pixingão. Foi um sucesso sem precedentes na sala. Diz que foi bem recebida, que achou linda a cidade, mas prefere mesmo a beleza, os encantos, a solidariedade de Itamaracá. "Aqui na Ilha eu respiro ar puro, contemplo a natureza mais de perto, vejo as jangadas partindo e chegando do alémar. É aqui na Ilha que me inspiro para trocar o que vejo e sinto em bonitos cantos e versos de ciranda".

Com todas as dificuldades e falta de apoio, Lia sente-se razoavelmente feliz no seu mundo de fantasia e sonhos. Se vivesse na Bahia ou no Rio de Janeiro, decerto que seria bem mais tratada e teria melhores chances de mostrar seu trabalho. Mas ainda há tempo de se fazer muito pela artista nativa. Ela está em Jaguaribe esperando para formar uma roda de ciranda com quem quiser dançar...

Aspecto lúdico do trabalho da artista vira programa de TV

MARCOS TOLEDO

A cultura pernambucana está entrando definitivamente nos calendários: roteiros e mapas dos eventos mais importantes do país. Na TV por assinatura, que corre por fora da briga mercenária da audiência, o supra-sumo da programação já inclui atrações caracteristicamente nordestinas. E Pernambuco mostra a sua cara. Na mais recente empreitada, uma equipe do canal Futura, da GloboSat, aportou ao norte do Grande Recife para mostrar como é brincar uma ciranda, com a maior representante deste ritmo, Lia de Itamaracá.

Este novo projeto do Futura — transmitido para assinantes do sistema Net/Sky e usuários de parabólicas convencionais — está sendo tocado pela Giros, uma produtora carioca que em agosto último passou pelo Recife, filmando um trabalho mais sofisticado para a TV Abril. Ao todo, serão finalizados quinze episódios, cada qual puxado por um verbo.

Lia participa do programa *Jogar e Brincar no Brasil*. Bebeto Abrantes, co-diretor e co-roteirista, explica que os episódios farão parte da série *Patrimônio Cultural Brasileiro*, que vai ao ar ano que vem na emissora, uma produção da Giros para a Fundação Roberto Marinho e canal Futura. Ele, que fez o roteiro do

documentário *Três Antonios e um Jobim*, conta ainda que a proposta visa mostrar desde o que se considera patrimônio constituído, até o cultural. "A gente descobriu que Lia também é patrimônio", revela Abrantes, baseado numa pesquisa realizada pela produção desde o ano passado, quando ficou pronto o roteiro.

Para atingir a todo o país, a produtora montou uma equipe com seis pessoas. Esta, percorre os quatro cantos brasileiros, em busca do patrimônio que explica as ações do homem brasileiro: jogar, brincar, festejar, trabalhar... A exemplo do que foi feito nos outros estados por onde passou, como Rio de Janeiro, Ceará, Maranhão e Paraíba, em Pernambuco a trupe aproveitou para dar uma "geral" no patrimônio local. Em Olinda — que por si só ostenta o título da causa do programa —, gravou Igrejas, mosteiros e o Boizinho Alinhado; no Recife, Ariano Suassuna, alguns maracatus e a dupla de repentistas Caju e Castanha.

Mas o que atraiu a atenção da produção para o Estado foi mesmo a fama de Lia junto à temática da música dela; uma temática, aliás, que vai além da

musical, como ela própria explica — começa com uma dança-de-toda, como coisa de criança. Depois seguem os passos num vai-e-vem, como a onda do mar". É interracial também, aberta para gente de qualquer raça, credo ou classe social. A própria cirandeira faz questão de deixar clara a sua inclinação religiosa: "sou católica apostólica romana", afirma convicta, como que respondendo a qualquer insinuação que relacione sumariamente a sua manifestação de música e dança a qualquer culto de origem afro.

Bastante simpática e prestativa, Lia se dava atenciosamente a um vai-e-vem diferente do das ondas, a o qual parecia não estar muito acostumada:

o das regravações de cada tomada, seja por perfeccionismo do diretor ou por uma perturbação nos arredores do set improvisado, na praia de Jaguaribe, em Itamaracá. A entrevista girou em torno de perguntas básicas, acerca da ciranda e da vida de Maria Madalena Correia do Nascimento (nome verdadeiro de Lia) até então. Em sua simplicidade, Lia resgatou da memória os antigos cirandeiros e depôs que não é a primeira nem a única cirandeira da região.





A cirandeira Lia de Itamaracá, que encerrou a última noite da sexta edição do festival pernambucano

ABRIL PRO ROCK *terça-feira, 7 de abril de 1998* **ilustrada**

Evento ganha proporção nacional

do enviado a Recife

O Brasil se casou na noite do último domingo, no Abril pro Rock. A noiva se materializou na figura de uma senhora cinquentona, espontaneamente posada, chamada Lia de Itamaracá, nativa de Pernambuco. O noivo, na de um rapaz de seus 30, artificialmente posado, chamado Júpiter Maçã, nativo do Rio Grande do Sul.

Graças às duas entidades, a sexta edição do festival pernambucano fez seu rito de passagem, marcado de beleza e tragédia —beleza porque o cenário se arma enfim para que o Abril pro Rock se torne festival de proporções nacionais e integradoras; tragédia porque nisso o mangue sai de cena, ofuscado pela "diversidade nacional".

No meio do caminho, estava o Rio —Pedro Luís e A Parede, liderados por um jovem quase quarentão, disputaram com os noivos a honra de terem feito o show mais vibrante da jornada.

Após mais um show de coco, agora por Zé Nequinho do Coco, entrou triunfante a noiva, vestida de amarelo rural, ladeada de cirandeiros e moças cantoras.

Após 20 anos escondida em Itamaracá —gravara um LP nos 70—, a cirandeira veio dizer que não se pode mais chorar a ausência de Clementina de Jesus ou Capiba, Baracho, Nelson Ferreira... O Brasil adquire memória, graças a um festival de rock.

Então entrou o noivo, freak, de gravatinha e camisa listada. Com rocks paródicos a Beatles, pós-Xuxa mesmo, efetivou o prodígio: ganhou o público pernambucano, brilhando em afetações do tipo "Pictures and Paintings".

Após Tânia Cristal, entrou Pedro. Foi impecável: "Sossego" fez da banda a única a reverenciar Tim Maia, que fecharia o festival.

A nota triste: Pedro propagandeou intensivamente os "bródis" Fernanda, Lenine, O Rappa, coisa que os mesmos repetiriam mais tarde. Tocar juntos, nem pensar.

Aí a bola foi baixando. Stonkas y Congas tentaram, mas capoeira catarinense não parecia fadada ao sucesso. Os paulistas do Hip Monsters não fizeram bonito. Serpente Negra e Capitão Severo, pernambucanos, provaram que mangue beat sem Science e Zero Quatro é coisa que não existe.

O muito hippie Lenine entrou desconcentrado, o que os inúmeros problemas técnicos vieram agravar. Mas se reafirmou artista de massa em Pernambuco. O Troiteio paulistano pareceu versão crescida do Moleque de Rua.

O Rappa —que, diziam os organizadores, provocou com a "sista" Fernanda, colega de escritório, o atraso de duas horas e meia no início da noite— fez o fácil e o certo para agradar sem fazer força.

Faltava Fernanda, que subiu ao palco às 5h. Não havia mais clima para seu agudo show, nem ela se dispôs a ousar matizando o repertório "brasileiro" com gotas doces como "Speed Racer".

Mas enlouqueceu nas baquetas da percussão para homenagear Science e não foi mau. Só não precisava submeter os sobreviventes a um "parabéns a você" com champanhe a um dos músicos —o Sol já havia nascido, e ninguém pediu bis. Era terminada a primeira edição do maior festival nacional pop (ainda) independente do Brasil.

(PEDRO ALEXANDRE SANCHES)

O jornalista Pedro Alexandre Sanches viajou a convite da organização do festival.

DISCOS LANÇAMENTOS

Selo independente resgata música pernambucana de raiz

Alexandre Gondim/Olinda de Pernambuco



A cirandeira Lia de Itamaracá, que está lançando "Eu Sou Lia"

CARLOS BOZZO JUNIOR
especial para a Folha

Do projeto Ciranda de Ritmos, que busca resgatar a música de raiz pernambucana, nasceu o selo independente Ciranda Records, que está lançando quatro excelentes CDs: "Eu Sou Lia", da cirandeira Lia de Itamaracá; "Cantando com o Sol", do grupo indígena Fethxa, da tribo Fulni-ô; "...Não Há Silêncio", do grupo de afoxé Oxum Pandá; e "Batá", do Afoxé Ylé de Egbá.

O projeto promove shows em que Lia interpreta cocos e cirandas e recebe grupos pernambucanos que mesclam ritmos, como o maracatu do baque virado, afoxé e caboclinho.

Maria Madalena Corrêa do Nascimento, 56, conhecida por Lia, nasceu na ilha de Itamaracá e canta ciranda desde 12 anos. Há cerca de 30 anos comanda as rodas que entoam, entre outras,

aquela de sua autoria com Teca Galazans que a fez famosa: "Esta ciranda quem me deu foi Lia/que mora na ilha de Itamaracá".

O CD é um mix de 13 cirandas em dez faixas, sendo que cinco foram gravadas ao vivo durante o Festival Vozes do Mundo, no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio. Duas delas, "Meus Cabeços Brancos" e "Ele Não Sabe o Que É o Amor/ Mal de Amor", contam com o genial trombone de Zé da Velha.

Como é de praxe em autênticas cirandas, a sonoridade do disco traz, além da peculiar voz grave de Lia, o som de uma caixa sendo respondido pela marcação de um bumbo, que se baseia no andamento dado por um ganzá, mais a estrutura melódica vinda de um saxofone bem afinado, embora extremamente charmoso.

A outra estrela do selo é o grupo indígena Fethxa — sol, no idioma yathé —, que lança o CD "Cantando com o Sol", da tribo Fulni-ô, de

Agua Belas, integrantes do que ainda resta dos índios no Nordeste brasileiro.

Nas faixas do CD, entre elas, "Wakfulastô Seetsowalhá" (geração do índio) e "Ysatatir Edyawa" (conversando com os deuses), percebe-se que, apesar do forte contato com a sociedade, eles ainda possuem uma musicalidade com herança negra, índia e européia bem preservadas. Vale lembrar que o samba de coco é fruto da miscigenação entre as culturas indígena e africana.

O afoxé é uma manifestação afro-brasileira que representa o candomblé na rua entoando vários cânticos em yorubá.

Em Olinda, um dos grupos mais representativos é o Oxum Pandá, que lança "...Não Há Silêncio", trazendo a música Luciene Loyce, que estralcha em ritmos como o samba e o ijexá. São 14 canções, entre elas "Oxum Pandá" e "Cida-

de Linda", que louvam a cidade de Olinda.

O outro grupo de afoxé — a CD "Batá" é o Afoxé Egbá, mostrando a riqueza nos ritmos afro-tri-antecedem até mesmo o r-Atabaques são utiliza-ambos de aliaia, resulta uma sonoridade diferente.

Além da autenticidade e trabalhos, há uma qualidade impecável, apresentada em os CDs, coisa rara atual, mesmo com tanta tecnodisposição. Iran Gomes P-40, o Rapo, que mora em na Alemanha, cursou eng- de som na School of Audie- neering antes de respond- captação e pela excelente gem dos discos. Para adq- ligue para o tel. 0/xx/81/13- ou para o fax 0/ xx/81/439-8

Avaliação: ★ ★ ★ ★

JORNAL DO COMMERCIO

RECIFE, 25 de Maio de 2000 - QUINTA-FEIRA

Segunda Capa

REINAUGURAÇÃO Dez meses depois de ter sido fechado à visitação pública, o Pátio foi reinaugurado ontem à noite

Pátio de São Pedro é do recifense outra vez

Foi um grande reencontro. Depois de 10 meses em reformas, o Pátio de São Pedro voltou a receber a visita dos recifenses. Foram centenas de pessoas, ontem à noite, para participar da festa de "reinauguração" de um dos casarios-símbolo da cidade.

A saudade de quem passou este tempo longe já era grande. "Estava ansiosa para saber como iria ficar. Está lindo. O Pátio precisava mesmo de uma reforma, pois se encontrava abandonado, de dar dó", comentou a arquiteta Niedja Costa, um dileta frequentadora do local.

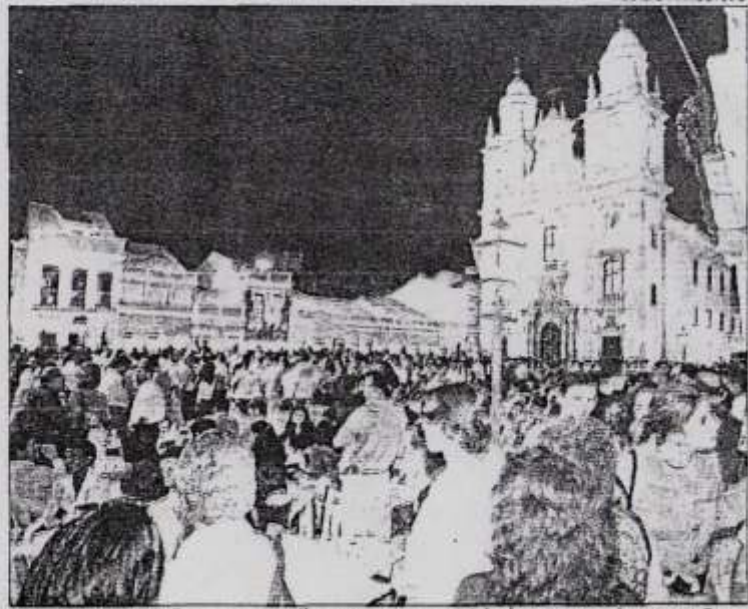
E, na festa de abertura, não faltaram pessoas cujas histórias de vida em muito se assemelham com a atmosfera que se respira no Pátio de São Pedro. Lia de Itamaracá, Mestre Salustiano e o forrozeiro Josildo Sá se apresentaram no palco armado.

"As pessoas estão acordando para os nossos valores. Este Pátio é lindíssimo, está nas nossas raízes. Fico lisonjeada de tocar nesta noite", comentou a cirandeira

Lia. Dentro da Igreja, a Orquestra Sinfônica do Recife tocou peças de Beethoven.

A cirandeira foi uma das homenageadas pelo projeto Pátio de Idéias, que também marcou a revitalização do Pátio. Tratam-se de instalações temáticas elaboradas por arquitetos em 11 casas. A de número 10, por exemplo, foi criada por estudantes de desenho industrial da UFPE e tem Lia como assunto. "Lindo. Não sei o que dizer", emocionou-se.

O projeto se concentra nas casas de propriedade da Prefeitura Municipal (são 21 ao todo) e permanecem até que os imóveis sejam alugados por empresários. "A idéia é trazer um mix funcional ligado à área de gastronomia e cultura, com restaurantes de diversas especialidades, além de livrarias e coisas afim", afirmou o coordenador de planejamento urbano das obras de revitalização, Luiz Moriel. Um museu com o nome de Casa do Artista Popular também será instalado. Não tem data prevista ainda para a sua inauguração.



MUITA GENTE Como nos velhos tempos, o Pátio lotou na reinauguração



Lia de Itamaracá:
cantar sob os coqueiros

LIA DE ITAMARACÁ DA CIRANDA DA VIDA, ELA PEDE APENAS UMA CASA PARA MORAR

Helena Beltrão

“E U sou Lia da beira do mar, morena queimada do sol e do sol da ilha de Itamaracá. Nas noites de lua prateando o mar eu sou mais Lia e vivo pra amar, cirandando a vida na beira do mar.”

Nos versos que compôs, ela se define como uma mulher romântica, que gosta da simples vida dura que leva, cozinhando de dia, cantando de noite na roda de ciranda que se forma em frente ao mesmo restaurante no qual ela é empregada. O grande problema de Lia de Itamaracá agora é não ter uma casa onde morar, porque desde que se apaixonou pelo zabumbeiro do seu conjunto, o irmão com quem morava a expulsou de casa.

— Eu só queria, na vida, ter um lugar onde viver e depois encontrar uma gravadora seria que se interessasse em gravar um disco com as cirandas que canto. O resto da felicidade eu já tenho.

RECIFE — O dia inteiro ela ficou ocupada, entre panelas, peixes, stris, leite de coco, legosias e temperos, em frente a um velho fogão de ferro de seis bocas, instalado no meio de uma cozinha precária e escura, de chão molhado, onde todos os cheiros se misturaram e os gritos dos fregueses fazem aumentar o ritmo de trabalho da cozinheira.

De noite, vestida num jeans bem justo, seus 1,60m tomam um ar digno de princesa africana, e, com um microfone na mão, Lia de Itamaracá comanda a sua ciranda, cantando com voz forte as aventuras de pescadores e histórias de amor que ela mesma compõe enquanto cozinha. Talvez, nessa hora, Maria Madalena Correa do Nascimento — a Lia de Itamaracá — esqueça que vive dos Cr\$ 3 mil 500 que ganha como cozinheira do restaurante Sargaço, em Itamaracá, e que não tem casa para morar.

Atualmente ela divide com uma amiga o espaço do único cômodo de um barraco de palha quase caindo, que não tem banheiro nem divisões internas e onde as redes formam um triste mobiliário.

— Esse é meu único problema na vida. Sem um lugar para morar, fica tudo sem jeito, nem posso fazer minhas músicas, porque quando chego pra dormir na casa dos outros passa muito tempo até descansar o juízo e aí esqueço a música.

Lia tem consciência de sua importância como compositora e cantora de ciranda, e sabe que a ilha de Itamaracá ficou mais conhecida com a divulgação da música Lia de Itamaracá, que ela compôs especialmente para Teca Calazans. Mas, das suas músicas gravadas e do LP editado pela Rozembliit há dois anos, ela não recebeu nenhum centavo.

— Ser negra, mulher e pobre nunca atrapalhou minha vida artística. Sou uma artista, mas não fico reclamando por aí que vivo mal só porque não tenho casa nem o dinheiro de que preciso. Ao contrário, acho minha vida muito boa. Agora, com 37 anos, encontrei um homem de quem gosto e que gosta de mim. Tenho duas filhas, muito boas, a de cirandeira e a de cozinheira. É o que me deixa contente, o que me faz sorrir, e cantar a noite inteira embaixo desses coqueiros, enquanto as pessoas brincam a ciranda.

É estranho ouvir tanto otimismo de quem vive em condições tão duras. Ela se justifica, dizendo que é protegida de Iemanjá, o que lhe dá muita força e alegria.

— Quando os guias dizem que a gente pode fazer uma coisa, a gente luta pra isso. Quando não, é melhor se conformar.

Como Lia tem muito pouco tempo para dar entrevistas, a solução é conversar mesmo enquanto ela fritar peixe, faz pirão ou descasca batatas, na cozinha que vai ficando cada vez mais escura de fumaça. Nasceida em Itamaracá, em janeiro de 1944, ela cresceu em casa de gente abastada, frequentou escola primária e assistiu a muito coco de roda, ciranda, pastoril e bumba meu boi, mas não teve qualquer iniciação musical nem parentes que fizessem música. Começou a brincar a ciranda sozinha, cantando enquanto esperava a chegada das jangadas trazendo peixe, ou passeando pelas ruas. Inventing rimas e vendo se cabiam numas músicas que vinham à minha cabeça. Foi nessa época que Teca Calazans me conheceu, eu tinha uns 18 anos e ela me pediu uma música para gravar. Eu fiz aquela que diz: “Esta ciranda quem me deu foi Lia, que mora na ilha de Itamaracá”, que continua sendo a minha música preferida, a que todo mundo pede.

Seu processo de composição continua sendo o mesmo: primeiro pensa na letra e depois compõe a música, encarregando-se o conjunto, formado por seis pessoas, de ver “se a letra cola com a música”.

Intuitiva, alegre e segura, Lia de Itamaracá luta com vontade por sua vida e pela ciranda que, talvez por causa dela mesma, continua viva e cada vez mais presente nos folclore populares de Pernambuco.

JUNFERE COM A ORIGINAL

08/08/05

José Mário Austregesilo
Coordenador do RPV

Lia vai para Copacabana

Roger está preparando uma grande roda de ciranda para o próximo domingo, dentro do projeto *Domingueira da Moeda*, que vai animar essa parte do Bairro do Recife. O dono da finada Soparia está preparando, a partir deste dia 02, uma ciranda comandada pela rainha do gênero, Lia de Itamaracá. Além de Lia, vão estar presentes um grupo de coco e o grupo experimental Refa.

Além do evento de domingo, Roger avisa que o Pina de Copacabana vai estar com os seus dancings funcionando, sendo comandados pelos DJ's Bidu Queiroz e Cristiana Garrido (da Ninho de Cobras).



GURU Damon Albarn será reverenciado na festa

Batmacumba para sempre

Uma das festas mais famosas do Recife, a Batmacumba, realizada periodicamente, desde dezembro de 96, vai, a partir de hoje, tornar-se semanal, tendo como base o Bar História. O som do evento vai ser comandado pelos DJs Renato L. e Eduardo Baiano. Os dois resolveram tornar a festa semanal para preencher a lacuna de pistas de dança, com um som "eficiente e inteligente", que está existindo nas noites da cidade.

■ **Batmacumba** — Bar História, Rua da Guia, 93, Bairro do Recife. Hoje, às 22h



NA CIDADE Lia vai abrir as domingueiras do Pina

■ **Pina de Copacabana** — Rua da Moeda, Bairro do Recife

A vez do Blur na festa semanal da Non Stop

Com um público ainda pequeno no Brasil, mas bastante fiel, a banda inglesa Blur é o tema da festa Non Stop deste sábado. O evento vai marcar o lançamento do novo CD do grupo, *13*, que tem como principal assunto as dores de cotovelo do seu vocalista, Damon Albarn. Além de mostrar as músicas novas do Blur, como *Bugman* e *B.L.U.R.E.M.I.*, a festa vai fazer uma retrospectiva dos principais hits da carreira do grupo, como *Parklife*, *Song 2*, *The Universal* e *Country House*.

■ **Non Stop** — Bar História, Rua da Guia, 93, Bairro do Recife. Amanhã, às 23h. Ingresso: R\$ 5,00 + R\$ 3,00 de consumação

Fruta Pão volta no tempo

Os antigos frequentadores do Fruta Pão poderão matar as saudades dos bons tempos com a festa *Tentação da Fruta*, que promete reunir os velhos amigos e antigos clientes que faziam do local um tradicional ponto de encontro nas noites do Marim dos Caetés. No repertório, MPB, rock nacional e hits do momento. Será montado ainda um braseiro para fazer espetos de frango e de carne, além de queijo coalho.

■ **Fruta Pão** — Rua do Sol, Olinda. Amanhã, às 22h. Ingresso: R\$ 7,00

Lia faz melhor show na Torre

GERALDO PINHEIRO

Na última sexta-feira, o Pólo Torre se encheu de gente para prestigiar mais uma vez a cirandeira Lia de Itamaracá. Ela fez uma boa apresentação, com um novo repertório que inclui músicas de outros autores transformadas em dança prateira. Por volta das 22h, as pessoas que lotavam os três hectares desse ponto cultural na Zona Oeste da cidade se viram transportadas para um clima de beira-mar e nostálgico. Logo, formou-se a roda.

Entre o público mais jovem não era difícil encontrar quem nunca havia presenciado uma puxada de ciranda - afinal, trata-se de um folguedo praticamente restrito às áreas litorâneas e que já esteve praticamente extinto. Alguns também desconheciam Lia, um feixe vivo dessa tradição registrada parcialmente na memória de alguns pelos versos malais do "lil". "Essa ciranda quem me deu foi Lia, que mora na Ilha de Itamaracá".

Recentemente, com o resgate dos ritmos mais tradicionalmente



DA PRAIA Lia de Itamaracá comandou roda de ciranda no Pólo Torre

pernambucanos - a exemplo do coco, do maracatu e até mesmo do frevo - o público voltou a apreciar estes gêneros. Esta retomada tirou Lia do ostracismo e revelou novos artistas como D. Selma do Coco, Aurinha do Coco e Zé Neguinho do Coco. Nesse tempo, o Pólo Torre, com o apoio da Fundarpe, vem desempenhando um papel fundamental quando aproxima a comunidade urbana desses e de

outros artistas populares.

Quem esperava a meiga gata, lúce destilada pelas coquês, Selma e Aurinha, por exemplo, deve ter estranhado a sobriedade quase franciscana de Lia. Ela, que tem total disponibilidade quando se trata de puxar uma ciranda, deu ao seu público esse tempo e muito mais a voz de uma tradição que pode até ter ficado adormecida, mas jamais morreu.

VÊRE COM A ORIGINAL
08, 08, 05
José Mário Austregesilo
Coordenador do RFPV

A ciranda de ritmos de Lia de Itamaracá

Riza Carla Lopes

Talvez nunca tenha passado pela cabeça de Maria Madalena Correia do Nascimento — ou simplesmente Lia de Itamaracá — o fato de que um dia se tornaria o ícone nacional de uma cadência nordestina cada vez mais conhecida. A partir da ciranda começou ainda na infância, quando a menina Maria Madalena, aos 12 anos, já entoava o ritmo que hoje é a referência nacional da Ilha de Itamaracá. O hino que a jovem conheceu por todo o país — “Essa ciranda quem me deu foi Lia que mora na Ilha de Itamaracá” — foi composto em parceria com a cantora Tênia Calazans, quando Lia estava com 15 anos. A partir daí, a menina começou seu início à sua carreira artística e, em 1977, chegou a gravar seu primeiro disco.

Além de divulgar a cultura popular nordestina por vários lugares do país, Lia começou um mercado de trabalho dentro do próprio Estado. Hoje, ela é reconhecida como uma grande personalidade do cenário artístico — sem uma inocente fama de que no Tênia ou uma espécie de lenda de diversos re-

Praça do Carmo

Após amargar um período esquecida da mídia e do público, quando o seu nome era mais lembrado como um mito do que como uma opção de divertimento, Lia voltou com tudo à cena pernambucana. Graças ao sucesso obtido pelo Movimento Margat de Chico Science (devido à inovadora fusão de rock com ritmos regionais), os guardiões da cultura popular começaram a aparecer. No final das contas, duas dessas representantes se consagraram: Selma do Coco e Lia de Itamaracá.

Hoje, a coreira da eterna Rainha da Ciranda continua em ascensão. Recentemente, ela foi o centro das atenções de seu batizado lançamento na cena artística de Pernambuco — o CD “Reconhecimento”, no qual várias intérpretes cantam as mais famosas cirandas, foi dedicado a ninguém menos que Lia de Itamaracá. E, como não poderia ser diferente, a coreira de Itamaracá é da música nordestina.

Devido ao tanto sucesso, não é de espantar que a coreira tenha começado a trabalhar em que está envolvida. Lia não apenas uma participante por honra-

geada. É, antes de tudo, a protagonista. O projeto “Ciranda de Ritmos” inaugura neste mês de novembro um novo calendário para a cultura popular. Em shows semanais, Lia será a anfitriã de artistas dos mais diversos estilos e ritmos da música popular brasileira e regional. Como forma de prestigiar vários setores da cena artística em Pernambuco, a cada semana os shows acontecerão em um cenário diferente: no Recife, foram escolhidos o Pátio de São Pedro e a Casa da Cultura; em Olinda, a Praça do Carmo; e em Itamaracá, a praia de Jaguaribe e o vilarejo de Vila Velha. O projeto foi aprovado pelo Sistema de Incentivo à Cultura e conseguiu o patrocínio da Telemar, além do apoio das prefeituras de Recife, Olinda e Itamaracá.

Definitivamente, Lia está de volta à cena musical pernambucana, ocupando um lugar mais que merecido: os palcos pernambucanos. Afinal, não há lugar mais adequado para uma lenda viva da música regional.

Para maiores informações sobre o calendário de shows, ligar para Cinema Produção: 0XX81 439-2332.





Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Educação Física e Desportos
Departamento de Ciências da Atividade Física
Disciplina: Educação Física, Folclore e Cultura Popular
Laboratório de Programa de Culturas Populares e Folclore

O mito e a sua materialização

“Esta ciranda quem me deu foi Lia, que mora na Ilha de Itamaracá ...”

O mito faz parte das narrativas dos tempos fabulosos ou heróicos e, muitas vezes, envolve seres encarnadores das forças da natureza.

Herança dos nossos colonizadores europeus, a ciranda também forjou o seu mito. E, de tal modo o sedimentou e o cercou de fantasia, que, ao me deparar como a sua materialização, perguntei surpresa: “-Existe? Ela existe?!”. Estávamos em dezembro de 1998 quando um aluno me convidou para cirandar com “Dona Lia de Itamaracá”.

E ela existe? Existe, sim, e lá estava em sala de um antiquário da rua do Lavradio como se fora uma peça rara daquela coleção: sorriso discreto e desconfiado, alta, uma deusa de ébano. Era a sua primeira apresentação no Rio de Janeiro e a platéia aguardava com expectativa porque até aquele dia Lia de Itamaracá não passava de folclore para nós. Mãos dadas, olhos fixos na muça, cirandaram crianças, adultos, gente humilde, gente nobre, e todos quantos passavam e eram atraídos pelo rufar dos tambores e pela voz inconfundível de Dona Lia, que, empolgada pela recepção, emendava uma ciranda após outra. E eram rodas de ciranda dentro de outras e outras rodas esquentando o ambiente e deixando ofegante a platéia naquela noite memorável. Eu não poderia deixar escapar a oportunidade e, na semana seguinte, ao findar o ano letivo, a mais notória filha de Itamaracá foi devidamente entronizada na Sala de Folclore da